

A Habitação Popular

Por G. CHAUSSAT

(Desenhos do autor)



tituia uma comunidade que limitava sua atividade exclusivamente à obtenção do necessário. Se se efetuaram trocas entre diferentes comunidades e se certos elementos de cada família mostraram habilidade para trabalhar nalguma especialidade, a vida transcorreu no próprio local em que se explorava a propriedade. Assim a casa adquiriu esse caráter particular que os antigos documentos nos fazem conhecer.

Com o aperfeiçoamento da ferramenta, o artesão e a oficina se formam e o

Desde que o homem, há dezenas de séculos, construiu sua choça à beira do caminho, no lugar em que seu burro carregado de provisões se detinha por capricho ou por cansaço, o problema da habitação, pode dizer-se, permaneceu o mesmo, não obstante o progresso técnico e o aumento do conforto que apreciamos.

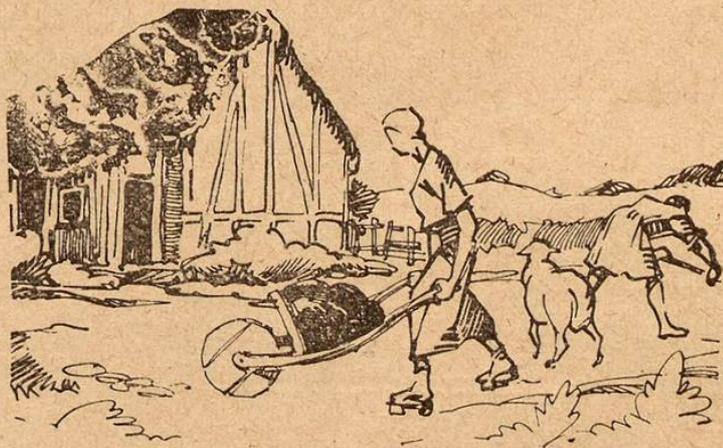
homem desloca-se para trocar, vender e oferecer serviços. Desde então a casa passou a ser um centro de reunião noturna para a família dispersa durante o dia. Foi o lugar de repouso e de reparação de forças.

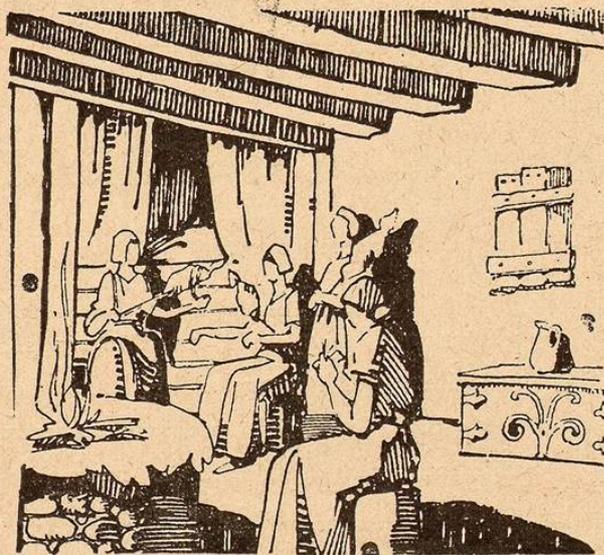
Nossas casas levantam-se hoje no mesmo sítio em que as primitivas famílias se agruparam para lutar com êxito contra os rigores do clima e nos pontos onde a natureza nos cumula de recursos.

Evidentemente, o conceito da habitação se transforma. O plano da casa sofreu as devidas modificações. Como o local do trabalho não está mais a ela incorporado, a casa é edificada nas proximidades da oficina. Bem ou mal, amontoam-se as casas nos sítios disponíveis, sem ordem e sem

Essas condições são ainda essenciais para assegurar uma vida conveniente às aglomerações humanas. De fato, tal como nas remotas épocas, reconhecemos excelente estender nossas cidades ao longo dos rios, em regiões férteis e naturalmente protegidas.

No passado, sob a égide do sistema econômico de produção, naturalmente o homem construiu sua casa, cultivou o campo e criou o gado em colaboração com todos os membros da família, a qual cons-





medida, em derredor do centro industrial. É a cidade operária que nasce e que avassalará todo o espaço, agravando todos os males com o maquinismo e a produção coletiva de grande rendimento.

O urbanista e o arquiteto estão perplexos diante do problema colocado em ordem do dia: melhoramento da habitação e das condições materiais da vida nos grandes centros.

Frequentemente, considerações de ordem financeira impõem ao arquiteto, relativamente à casa coletiva, soluções indignas da sua generosa profissão e indignas também de quem deve habitá-la.

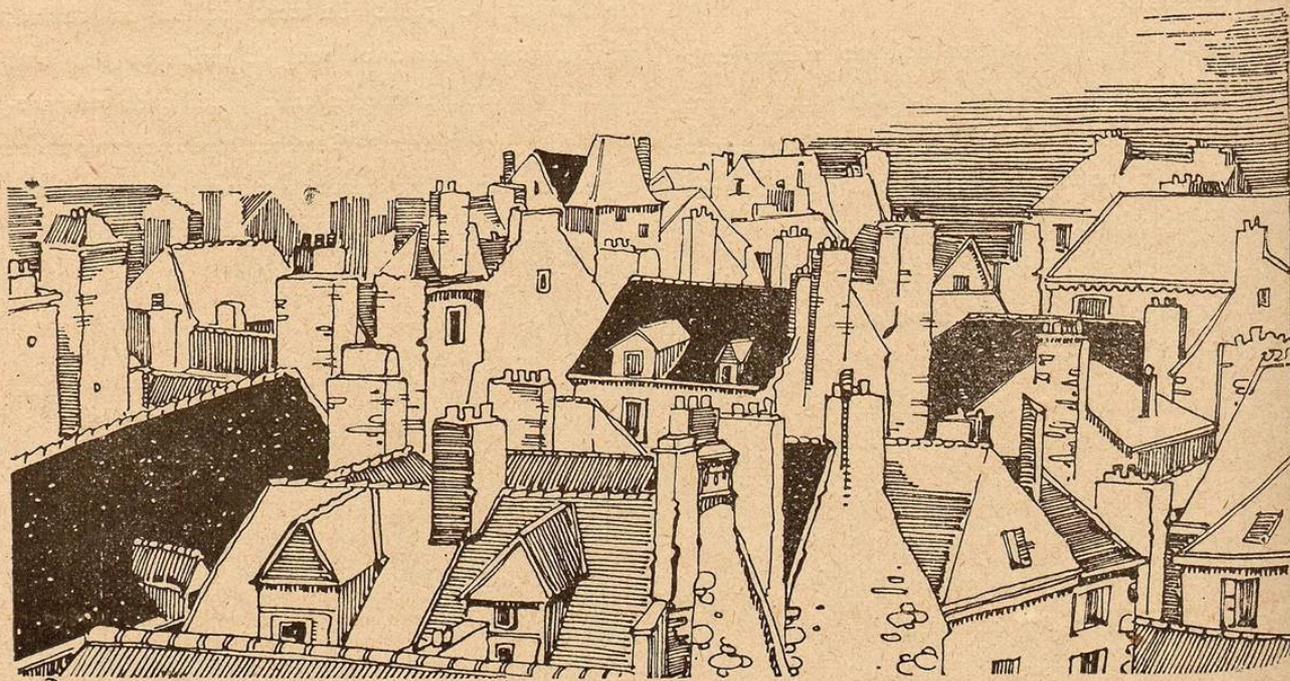
Trava-se duro combate ao querer construir a habitação nas proximidades imediatas dos centros comerciais e industriais. Não se pode mais admitir o alojamento da grande multidão de trabalhadores e empregados nos velhos casarões insalubres que se aglomeram ao longo das ruas tumultuosas, par-dieiros que só têm por horizonte as fachadas fronteiriças ou o pedaço de céu entrevisto através das frestas das cornijas.

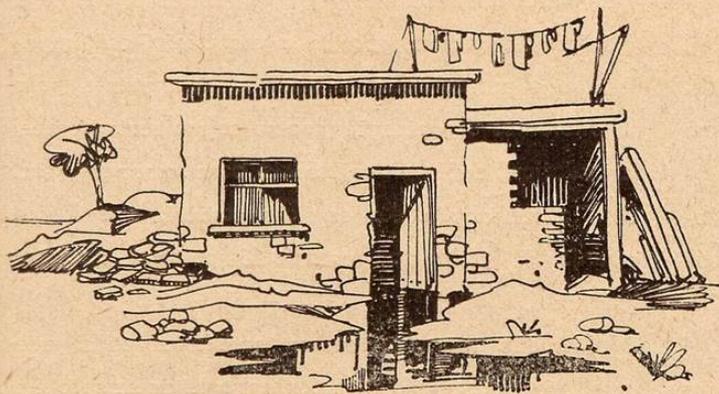
A periferia das grandes cidades, pela extensão súbita das massas, estaria indicada para a localização da vida coletiva.

Na Europa, a parte dos orçamentos que se devia consagrar ao urbanismo construtor é sacrificada nos armamentos destruidores, e, assim, os arredores das cidades, invadidos por famílias de trabalhadores, crescem na maior incoerência. São o caos; perderam sua ordem geométrica.

Alem disso, a par da incompreensão, existe a obstinada rotina, seguida do cortejo de erros do passado, os quais, a miudo, se associam à ignorância dos ensinamentos históricos.

O maquinismo transtornou tudo. Antes, o homem estava circunscrito ao âmbito capaz de ser percorrido pelas suas pernas. Media o solo com seus passos. Seu olhar não ia mais longe.





Sofremos o malestar provocado pelo século XIX, chamado científico, causador da transformação do mundo no qual se agitam e se debatem, sem saber como, os irresponsáveis e as vítimas.

A civilização não se faz sem ordem social. Depois do caos e da insinceridade, o espírito creador manifestar-se-á livremente para levar o homem a aperfeiçoar-se e a viver melhor. Para isso, porém, são necessários estes elementos essenciais: programa, organização, tradição, investigação científica, desenvolvimento das artes e autoridade.

Enquanto se esboçam os princípios fundamentais do urbanismo moderno, cumpre indagar como vivem as massas populares; é preciso conhecer as condições da habitação popular para se fazer idéia das consequências resultantes da insuficiência material e das complicações absurdas que podem resultar para a mentalidade do casal e para a formação do espírito dos filhos.

Quase toda a gente sonha com o bem estar e a alegria de viver numa casa individual. Porém aonde? O desenvolvimento dos centros de negócios empurram diariamente os habitantes para o exterior. Não é senão muito longe, nos fracionamentos separados de toda atividade comercial e das comunicações locais, que se encontra terreno relativamente proporcional às modestas economias. Mas para se conseguir isso, sacrifica-se a casa. A habitação, resultando mal feita, deixa passar o frio e o calor. Na estação chuvosa, permanece num lodaçal, para desaparecer no meio da poeira na estação seca. O que não parece indispensável será terminado no ano próximo. Dessa casa por acabar, por falta de

capital e na qual reina o mais cruel desconforto, todas as manhãs, muito cedo, o chefe da família deve percorrer um grande trajeto para chegar à estação de transporte e efetuar uma penosa viagem num veículo repleto de passageiros.

E o domingo? Na verdade, o domingo ele o passa entre os seus. Esse dia, porém, consagra-o às tarefas de reparação da casa e de jardinagem, trabalhos esses dos quais tem apenas conhecimentos muito rudimentares. Esses serviços conservam-no durante todo o dia curvado sobre o solo, quase sempre pedregoso e invadido pelo capim. Estenuado, termina esse dia de repouso com a convicção de ter tido um recreio são e que lhe assegurará êxito futuro.

Conheci pessoas tão apaixonadas pelo trabalho de jardinagem que, à noite, debaixo de chuva, iam matar os caracóis que devastavam as plantas.

O homem, por índole, é anti-social. Nas circunstâncias difíceis, associa-se e agrupa-se por necessidade. Não fosse o temor da solidão, gostosamente fugiria de seus semelhantes. O medo do isolamento aproxima-o da sociedade, que o submete às suas leis, as quais só aprova porque lhe dão uma garantia contra a avidez do vizinho mal intencionado. Este anarquista inconciente admite a vida coletiva logo que compreende as vantagens do grande edifício sobre a casa individual construída em deploráveis condições.

Na casa coletiva bem acondicionada, a família da classe média pode reconquistar a liberdade e a alegria de viver como nunca tinha imaginado. Objeta-se-á: Como a vida humana pode encontrar liberdade no regime de sujeição às medidas administrativas do prédio e se não pode contar com um pouco de imprevisto, de fantasia?

A verdade, porém, é que indesejável só é aquele regime coletivo que não deixa ao indivíduo nenhuma ocasião para o isolamento, como sucede nas casas-quartéis em que há ausência do lar, de intimidade, em que se sente esse vazio de que nos falam

os que têm estado na Rússia. Forçosamente, porém, as futuras soluções de melhoramento material deverão deixar-nos alguma liberdade a que, embora ilusória, estamos acostumados a considerar como real.

Cada um pode ter a ilusão de independência completa pela posse total de sua casa, desde que para isso tenha recursos suficientes para edificá-la com dignidade.

A habitação popular, em caso algum, deve ficar isolada; forma parte de um conjunto grandioso cuja massa faz a prosperidade da cidade. A importância da cidade, sua densidade de população e a possibilidade de comunicações determinarão sua altura. Deve, comumente, dispor de dez a doze andares, se se deseja que em volta haja espaços livres para passeios, circulação e esportes, não só para fins higiênicos sinão também para assegurar uma relativa calma.

Nestes imóveis levar-se-á em conta o problema dos serviços comuns, pondo à disposição dos inquilinos um pessoal especializado e competente para as diferentes organizações, como sejam restaurantes, lavandarias, enfermarias, locais para crianças, etc. Com a realização dos serviços comuns e o lógico arranjo de cada apartamento é possível alcançar liberdade.

Muitas fórmulas podem satisfazer para uma excelente distribuição mas é preciso levar sempre em conta as necessidades primordiais estabelecendo no plano tudo quanto é necessário à vida doméstica.

Paralelamente ao melhoramento das condições materiais, que trará consigo a criação da casa coletiva racional, efetuar-se-á um melhoramento moral da população trabalhadora, cujo amontoamento, nos quarteirões insalubres, em tôrno da cidade atual, forma um cinturão perigoso para a sociedade e para a civilização.

